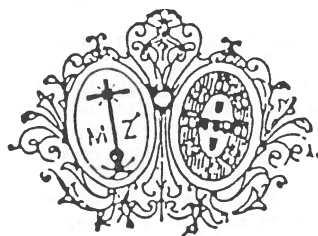


**BOLETIM**

**INFORMATIVO**

da

**MISERICORDIA do SARDOAL**



Irmandade  
DA  
Santa Casa da Misericórdia  
DE  
**SARDOAL**



Publicação bimestral

# Esta nossa VIDA...

**A** Vida é cheia de actos heróicos. Para a maioria dos mortais ela própria é, já, um acto heróico. Começa muitas vezes no berço -que pode nem chegar, mesmo, a ser berço... Cristo não o teve e era filho de Deus. Que admira, pois, que muitos seres humanos também o não tenham?

A lei da Vida é a lei do trabalho, do sacrifício, do heroísmo. E, afinal, a obediência ao "comerás o pão com o suor amassado do teu rosto". Lei divina, portanto, que devia ser interdito ao homem, a todos os homens, evitar ou sequer sofismar. Trabalho, sofrimento, heroísmo! Heroísmo há quem tenha muitas vezes. Trabalhar é indispensável sempre. Pode suceder que alguns não trabalhem. E que custa! E o que custa não agrada. Mas faz-se mister que se nós não trabalharmos outros o façam por nós. Do trabalho se mantém a vida. E é a vida que mantém o trabalho.

E nesta luta diária que o homem tem de travar que se praticam os tais heroísmos. São eles, de resto, que fortalecem as energias do corpo e da alma, que temperam a vontade, que dominam as intenções ruins, dando-lhe personalidade, fazendo-o viver. Que muitos não vivem -vegetam; e o que é pior, à custa do semelhante, que tantas vezes exploram e tiranizam... Viver indigno este!

Mas nenhum homem tem o direito de se deixar aniquilar pelo desânimo. Não lhe correm as coisas de feição? Quanto mais pesada for a cruz mais a ela nos devemos abraçar. E então necessário o heroísmo, mais a persistência, mais a abnegação. Tudo isto somado dará um frutuoso capital de energias, tanto para o corpo como para o espírito.

Quantos exemplos destes não poderemos observar à nos sa volta! Aqueles que passam a nosso lado, de qualquer jeito jungidos a uma missão custosa, são muitas vezes figuras heróicas de lendárias epopeias. Porque heróis não são apenas aqueles que vão para a guerra e que pela sua bravura indómita conquistam a imortalidade. Heróis são, também, todos os que cumprem esforçada e dedicadamente o seu dever. E que o dever estrito comporta e exige quase sempre esforço de toda a ordem já que por complemento lhe anda intimamente associado o sacrifício.

Cada homem deverá, porém, crer na utilidade da vida, vê-la não como um sucesso pessoal mas, antes, como vantagem colectiva, de um destino fora das nossas cogitações, porque somos propelidos por energias que nos foram emprestadas e de que teremos de dar conta, pormenorizadamente, quando atingirmos a meta final.

Mas há realmente crises duríssimas nas horas, nos dias de cada um. Todos passaram ou passarão fases amargas; a todos foi distribuído o mal físico ou moral; em todos os corações ou em todas as consciências penetram fantasmas de dor ou mágoas realíssimas. Todos sorriram e todos choraram.

Ninguém passou na vida isento de desconsolo e de alegrias.

As quotas dos sentimentos e da sensibilidade não são, não foram iguais; mas, nos contrastes e nas polarizações se vêm a achar os equilíbrios dos ambientes humanos. A linha horizontal, os níveis absolutos e as rectas não se computam nas almas e nos organismos humanos. A curva, a linha sinuosa resumem, afinal, as desigualdades da nossa espécie.

Homem, pois, na plenitude do seu significado, não é o que se afoba por gozar placidamente os regalos da Vida.

Não é o que amontoa ou delapida o que pertence aos outros -ou, mesmo, o que lhe pertence a si. Homem é o que sabe viver como HOMEM. E trabalhar. E cumprir. E é sofrer. Cristo, o próprio Cristo sofreu! Como criatura humana, que também quis ser, não voltou o rosto ao maior e mais transcendente sacrifício de todos os tempos: -a Sua Crucifixão! E quantos desejem imitá-Lo (sem, contudo, terem a absurda veleidade de O igualar) virão a sofrer como Ele ultrages e perseguições, injustiças e martírios morais e físicos.

Mas, também é certo: os que amam a Deus e confiam na sua infinita bondade sentirão os dias mais leves e os padeceres mais serenos. Com efeito, diante das dores físicas e morais, a ideia religiosa convictamente radicada dignifica o sofredor; com ela o desespero se enfraquece, a dúvida se extingue, o amor se purifica, o dever se exalta, a dor se aquebranta, os males se amainam, as esperanças recrudescem e a vida torna-se o dever transitório, a senha para uma existência mais plácida e mais pura. O homem que a sinta de verdade, dentro do seu peito, fá-lo com o benismo das esperanças e com o anelo da salvação.

(Conclui na pág. 4)

# SIM, 13 ANOS

Durante este período ocorreu mais um aniversário do nosso "Boletim Informativo" - perfeitamente 13 anos!

Foi, com efeito, no mês de Agosto de 1983 que saiu o seu primeiro nº. No respectivo artigo de fundo, o Senhor Provedor de então enunciava a razão do seu aparecimento, justificando-a com a necessidade de que esse órgão de comunicação social pudesse dar a todos os Irmãos da Misericórdia e a todos os sardoalenses em geral uma panorâmica do que de mais essencial ia ocorrendo na vida da Santa Casa. A época que se vivia de modo algum era de feição para a vida das Santas Casas de Misericórdia e os obstáculos e dificuldades que se levantavam à sua acção de benemerência e de amparo aos mais necessitados ainda mal se ressarciam das investidas e dos ataques de alguns próceres mais dementados do pós-74 -os quais queriam simplesmente tomar de assalto todas as Santas Casas e delas fazerem coutadas políticas e outros atos de dominação partidária monopolizante.

Decorridos estes anos, entretanto, e com outras Mesas Directivas, que foram sucedendo, os princípios de informação pública da vida da Misericórdia, que então determinaram o aparecimento deste Boletim, mantêm sua actualidade. Com efeito, a vida da nossa Misericórdia continua, ainda, atravessando dificuldades - e só a estremada dedicação dos membros da Mesa e de uns tantos Irmãos mais empenhados vem conseguindo que se mantenham (e se hajam alargado, mesmo) os parâmetros da suas "Obras de Caridade", as quais não representam mais do que a tradução prática das principais "Obras de Misericórdia".

No dealbar de mais um ano da sua existência, o "Boletim Informativo da Misericórdia do Sardoal" propõe-se continuar a linha programática que sempre o tem norteado -e, com a possível regularidade, ir dando a todos os Irmãos da Santa Casa e aos leitores em geral uma "panorâmica, tão fiel como objectiva do que de mais essencial venha ocorrendo na vida da nossa tão vetusta Instituição".

A concluir, muito nos apraz, também, deixar a expressão do melhor reconhecimento a todos os que tiveram a cortesia de nos enviarem as suas gratulações por ocasião do nosso aniversário.

## Uma boa ideia!

A missa das quintas-feiras, que o Rev. Senhor Cônego António Esteves passou a celebrar, sempre, na Igreja de Santa Maria da Caridade, vem tendo cada vez maior assistência de fiéis.

Foi, sem dúvida, uma deliberação muito acertada -que permitiu, fundamentalmente, a todos os utentes do Centro-de-dia e internados do LAR a possibilidade da sua comparencia directa.

# ...do SARDOAL antigo FORAL de SARDOAL

Esta é a "Magna Carta" do Concelho de SARDOAL — o documento de maior representatividade e significado do seu historial, em que se lhe declara e proclama o estatuto de maioridade, com independência e autonomia para todo o sempre.

Se uma carta de foral representava, em todas as circunstâncias, um dos mais gratificantes motivos de honra e mérito que o poder real outorgava a uma terra, não deixa de ser certo, porém, que, regra geral, essa concessão vinha na sequência de um pedido feito ao Rei pelos agregados populacionais que atingiam certa importância e desenvolvimento.

Estranhamente, porém, e ao contrário de tudo o que era hábito e costume, o foral de Sardoal foi uma deliberação que emergiu do próprio Rei Dom João II, uma ideia pessoal amadurecida no seu espírito, pois declara que o faz "de seu moto-próprio real e absoluto", "sem os moradores dele nem outrem por eles lho requererem":

"DOM JOAO pela graça de Deus Rei de Portugal e do Algarve: - a quantos esta minha carta virem faço saber que vendo eu o grande crescimento que louvores a Nosso Senhor se faz na povoação do lugar de SARDOAL termo da vila de Abrantes e como se enobrece de fidalgos, cavaleiros, escudeiros e homens de criação e pessoas de honra que nele vivem, e que muito bem me poderão servir com armas e cavalos e assim (=igualmente) de muito povo pelos quais são feitos no dito lugar muitas benfeitorias de muitas e mui boas casas e assim dentro dele como fora muitas herdades de vinhos e oliveiras e outras muitas benfeitorias das quais cada vez mais se faz e crescem por estas coisas, e por esperar que o dito lugar va em muito maior crescimento e nobreza, e por o haver assim por muito meu serviço, sem os moradores dele nem outros por eles me requererem nem pedirem, de meu mato-próprio poder real e absoluto desmembro e tiro para toda o sempre o dito lugar de Sardoal do termo da dita vila de Abrantes, cujo termo até aqui foi, e o faço por esta presente Carta de Vila e mando que daqui em diante se chame Vila do SARDOAL e tenha sua jurisdição apartada por si, e sem reconhecimento algum à dita vila de Abrantes, e como a têm as outras vilas de meus reinos.

E com o termo que lhe mandei ordenar e dar como é declarado e conteúdo na carta que disse mandei passar, assinada por mim e selada do meu selo, do qual termo quero e mando que use para seus logradouros, pascigos e montados e todas as outras serventias e cousas assim e naquela própria forma e maneira que usam de seus termos as outras vilas de meus Reinos.

Sem os moradores e povo da dita Vila do Sardoal o reconhecerem nisso nem em nenhuma cousa de qualquer qualidade e condição que seja à dita vila de Abrantes, cujo termo até aqui foi, da qual a desmembro e aparto para todo o sempre como dito é.

Porém (=de igual modo) o notifico assim a todos os meus Corregedores e aos Juizes, moradores e povo da dita Vila de Abrantes e a todos e a quaisquer oficiais e pessoas a quem esta carta for mostrada e o conhecimento dela pertencer. E lhes mando que hajam, daqui por diante, o dito lugar de SARDOAL por VILA com sua jurisdição apartada e aos moradores dela deixem fazer suas eleições de Juizes e vereadores, procurador e outros oficiais do concelho, segundo forma de minhas Ordenações e Regimentos. E em tudo usar dos privilégios, graças e liberdades de que usam as outras vilas do Reino e como de direito lhe pertencer e dele deverem usar.

E assim do termo que por mim lhe foi ordenado e limitado pela dita minha carta, sem dúvida nem embargo algum que em tal lhe seja posto. E mando aos moradores e povo do dito lugar que, daqui por diante, se chame VILA DO SARDOAL e em tudo usem como Vila que a faço no modo sobredito.

E em cousa alguma nem por maneira alguma reconheçam nem obedeçam à dita vila de Abrantes, porque assim é minha mercê. E por certidão disso lhe mandei dar esta Carta por mim assinada e selada do meu selo de chumbo em pendente.

Dada em a cidade de Evora aos 22 dias de Setembro. Pedro de Alcáçova Carneiro a fez no ano de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1531 anos."

M.

## A RESPOSTA É SIM!

### *Haverá uma forma cristã de conduzir um carro?*

«Tem-se perguntado se há uma forma cristã de conduzir um carro.

A simples enumeração destas virtudes — que não é exaustiva — certamente desperta a reflexão de que a maioria dos acidentes de trânsito, por culpa humana se evitariam se tais virtudes animassem habitualmente a conduta dos motoristas e dos peões.

A **HUMILDADE** na condução de um carro não tolera as manobras, tantas vezes perigosas e trágicas, inspiradas pela vaidade de quem gosta de exibir o seu carro ou a sua perícia; ou pelo espírito de desforra de quem foi, bem ou mal, ultrapassado; ou pelo amor próprio ferido pela imperícia pessoal ou esperteza de outro.

A **MANSIDÃO** — que é expressão autêntica da fortaleza cristã — vence as tentações, hoje tão frequentes nos embaraços do trânsito ou deficiências das vias, da impaciência, da irritação, porventura da ira e da vingança. Quantas questões desagradáveis e quantos acidentes lamentáveis se evitariam se os condutores fossem mais fortes ou virtuosos no seu auto-domínio. Na delicadeza de trato, na compreensão generosa das pessoas e circunstâncias desagradáveis.

A **PRUDENCIA**, virtude cardeal reguladora de toda a vida cristã, sabe prever e ponderar com oportunidade e justeza todos os factores e eventualidades da condução, prevenindo as deficiências ou desatenções pessoais, as falhas mecânicas e as imprevisíveis ocorrências do trânsito.

A **JUSTIÇA** leva ao respeito dos direitos fundamentais da pessoa — a começar pelo direito à vida e integridade própria e alheia — e das leis de trânsito que procuram assegurar a sua salvaguarda. O exercício perfeito desta virtude dispensaria a menos simpática das funções da polícia de trânsito, e certamente levaria a melhor estimar a sua benemérita acção de a todos facilitar e tornar segura a circulação rodoviária.

A **CARIDADE**, finalmente, a rainha das virtudes cristãs, transcende a visão das outras virtudes e exige mais do que uma condução correcta, prudente e respeitadora das leis. Fixa-se nas pessoas — em todas aquelas que, em linguagem evangélica, são aqui «o próximo» do condutor: os outros condutores, os passageiros, os peões, os agentes de trânsito, e até aquelas pessoas que, nas vizinhanças, podem sofrer, por exemplo, com uma condução desnecessariamente ruidosa ou com uma paragem em lugar inoportuno.

A caridade, na condução, está sempre pronta a perdoar, a compreender, a facilitar, a prestar ajuda.

E naquelas ocorrências em que dois condutores são tentados a dizerem-se mutuamente as últimas, é ainda a caridade que os torna verdadeiros, delicados e justos.»

## Cónego ESTEVES

Por um dos seus últimos Decretos pastorais, o Senhor Bispo de Portalegre elevou à dignidade de Cónego da diocese de Portalegre e Castelo Branco o Rev. Senhor Padre António Esteves, Vigário e Arcipreste de Sardoal — que é, também, o Presidente da Assembleia Geral da Irmandade da nossa Misericórdia.

A notícia deixou radiantes todos os seu paroquianos e amigos em geral, que profundamente o estimam e consideram e admiram.

A comunidade sardoalense está de parabéns!

# BAIRRO da MISERICÓRDIA

Tem causado alguma estranheza em alguns sectores da Vila a demora na atribuição de vários fogos vagos, no Bairro da Misericórdia.

Trata-se de um assunto que veio a apresentar um certo número de esquisitices e de atritos - o que viria obrigar à reavaliação das candidaturas oportunamente apresentadas e a novas e mais pormenorizadas análises das condições económicas de todos os concorrentes.

Infelizmente, terá de se dizer que alguns dos elementos de prova apresentados por certos candidatos à apreciação das Entidades seleccionadoras pecavam por documentações menos exactas e verdadeiras. Isso veio a suscitar algumas reclamações pertinentes, por parte de outros concorrentes que se julgaram lesados - o que trouxe, como bem se entende, um impasse, de certo modo arrastado, pela necessidade de se reabrir todos os processos, afim de poderem ser reclassificados.

E, embora as decisões finais venham a ser, sempre, conferidas e visadas pelo IGAPE, tal não obstou a que alguns concorrentes mais exaltados não hajam insultado e ameaçado os membros da Mesa Directiva da Misericórdia como se, de alguma forma, se lhes pudesse assacar quaisquer culpas ou responsabilidades.

O caso recente de um utente da Misericórdia de Palmela que atentou contra a vida do Provedor dessa Instituição, por não ter visto resolvido pela Misericórdia, com toda a abrangência que pretendia, um problema de assistência pessoal, não é um acontecimento virgem, afinal.

Também nesta nossa terra, que tem sido sempre considerada de "brandos costumes" e gente calma e pacata, aqueles desmandos e ameaças a que nos referimos já começam a ter, também, sua entronização. Enfim, tristes sinais dos tempos!

A reclassificação das candidaturas, a que estamos aludindo está, entretanto, em movimento, aguardando-se a chegada, muito em breve, de uma Assistente Social, expressamente designada para o efeito pelas Entidades que superintendem neste domínio da Assistência.

## Esta nossa VIDA ...

(Continuação da 2.ª página)

Crer é consolar-se. Os que possuem o espírito religioso bem radicado e infundido minuem instintivamente as cargas de dores e de desesperações da vida.

Finalmente, o homem deve querer a luz divina para lhe corrigir os erros e não para acobertá-los; para diminuir -lhe as dores e não para atirar a outros o título de vingança; para sarar as chagas da alma e não para passar incólume na vida.

Ora, assim sendo, crer em Deus e amá-Lo com todas as veras da alma não é solicitar-lhe, só e apenas, ensanchas para a conquista do prazer e da ventura; crer é invocar a divindade nos momentos aflitos e não pedir fundamentalmente apenas o bom êxito da nossa existência; crer é lutar e procurar o cumprimento dos deveres diante dos problemas da consciência e da moral religiosa.

Infelizmente o turbilhão da Vida, no seu sentido lato, revolve, vascojeja a toda a hora os nossos sentimentos e não raro faz oscilar esse encaminhamento, que nos deveria levar, num ascendo contínuo, rumo à perfectibilidade.

MB.

## Confirmação!

Há relativamente pouco tempo, uma Empresa de divulgação ("Seleções do Reader's Digest", sem reclamo) editou uma panóplia de música portuguesa de autores insígnies e na interpretação de artistas e conjuntos de fama.

Com grande admiração e surpresa foi-nos dado reparar que no sector de "Bandas Filarmónicas", onde foram seleccionadas 8 composições, consideradas como de grande impacto e notoriedade, três pertencem ao património próprio da Filarmónica União Sardoalense, sendo duas delas, "Vendo tristeza em ti" e "Marcha do regresso" da autoria do nosso prezado conterrâneo, Maestro Francelino Lopes Pereira.

Encobertado sempre por uma grande modéstia e simplicidade, alheio a honrarias e consagrações, este compositor da nossa terra é um nome que vem sendo consagrado na música ligeira portuguesa, pois muitas das suas melodias e arranjos musicais se podem escutar a cada passo, tanto em espectáculos de cunho mais formal como, ainda, em muitas festas e romarias por esse país fora.

A sua acuidade musical, o requinte e virtuosismo da sua imaginação no campo da sensibilidade criativa e da harmonia orquestral têm -lhe aberto o caminho da fama e da projecção. Em significativo contraponto não deixou, porém, de continuar sempre um homem simples e descomprometido, sem quaisquer vanglórias ou exibicionismos.

Ocorrerá, a propósito, um velho ditado: -"na sua terra ninguém é rei!"

Queremos deixar-lhe, entretanto, as melhores felicitações pela consagração que aquela escolha expressivamente representa.

M.

## A CRECHE

Correspondendo aos desejos manifestados pela população, a Santa Casa da Misericórdia desenvolveu os seus melhores esforços e diligências para aqui ser criada uma Creche Infantil, onde as mães pudessem entregar confiadamente os seus filhos enquanto exerciam funções nos seus empregos e actividades.

Inclusivamente, a Santa Casa fez as necessárias obras de adaptação no antigo edifício onde funcionara o Centro-de-dia, de modo a torná-lo adequadamente funcional.

Abertas as inscrições verifica-se, no entanto, que o nº das crianças candidatas é bastante diminuto e não permite, assim, que por ora, aquela tão prestante obra de apoio social possa abrir as suas portas.

## boletim informativo da Santa Casa da Misericórdia de SARDOAL

Director: Anacleto da Silva Baptista

Edição e Propriedade: Santa Casa da Misericórdia de SARDOAL

2230 SARDOAL

Depósito Legal nº 24.707/88